

O VOCATIVO COMO FORMA DE TRATAMENTO NOMINAL NO CONTEXTO DE FALA MANAUARA

Luan Alves Gomes¹
Prof. Dr. Valteir Martins²

RESUMO: Com o objetivo de analisar os vocativos como formas de tratamento, com base na teoria da relação interpessoal proposta por Kerbrat-Orecchioni (2006), este estudo visa demonstrar as formas de tratamento nominais no contexto de fala manauara. A sociopragmática faz-se necessária como abordagem para explicação de tais fenômenos devido a sua amplitude linguística, social e pragmática. De natureza quali-quantitativa, o estudo teve como método de investigação um questionário com perguntas pré-estabelecidas e foi realizado entre os meses de maio e agosto de 2019, na cidade de Manaus. Como instrumento, optou-se por entrevistas gravadas e posteriormente transcritas, com perguntas abertas, no intuito de conhecer as possíveis “normas” que regem as escolhas tratamentais dos interlocutores desta região. Os resultados explicitam amplas e variadas formas tratamentais que posicionam o interlocutor na interação nos eixos horizontal ou vertical. Porém, mesmo entre as formas mais “próximas” no contexto interacional do informante, ainda há elementos que o posicionam em determinada “distância” interpessoal.

Palavras-chave: vocativos; relação interpessoal; formas de tratamento nominais; sociopragmática.

1. Considerações iniciais

Como sociedade, somos repletos de interações que caracterizam a coletividade. O conjunto de formas de tratamentos torna a língua repleta de coerções, mudanças e variações em dois pólos: social e linguístico. Tais aspectos trazem consigo motivadores internos e externos que expressam as inter-relações entre indivíduos e sociedade. Balsalobre (2015), Kerbrat-Orecchioni (2006; 2011), Giaufret (2011) e Jorgensen (2011) são exemplos dos diversos teóricos que caminham no sentido de observar e analisar as diferentes formas e valores interacionais.

As interações entre os indivíduos dependem de mecanismos que se inter-relacionam, que são contidos em ambientes (físicos ou psicossociais) e têm características individuais. Há muitos fatores que motivam as escolhas e os sentidos de determinadas formas tratamentais. Essa perspectiva de análise das formas de tratamento (FTs) se justifica, no contexto de fala manauara, devido à grande variabilidade de formas nominais e pronominais em diversos grupos e contextos sociais. Balsalobre (2015) observa o fenômeno tratamental em três países, a saber:

¹Graduando do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: lag.let16@uea.edu.br

²Professor Dr. do Curso de Letras da Universidade do Estado de Amazonas (UEA). E-mail: valteir_martins@yahoo.com.br

Angola, Moçambique e Brasil, os quais têm como língua oficial o português. Suas observações trazem uma certa variabilidade de nomes e pronomes para inferir conhecimento ou desconhecimento de seu interlocutor e o mesmo pode ser feito nesta pesquisa, dada às suas proporções.

Os elementos tratamentais, conforme propõe Silva (2011) *apud* Balsalobre (2015), são uma reunião de palavras ou sintagmas utilizados por um emissor e/ou receptor para referir-se a um outro indivíduo no ambiente interacional. No macronível, em termos gerais, podem ser divididos em: i) formas nominais: tratam-se de elementos que o núcleo é um sintagma nominal, como por exemplo: “João”, “Oi Maria”, “professor”, “irmão”, etc., e podem pertencer às categorias de parentesco, familiaridade, entre outros; ii) formas pronominais: igualam um valor tratamental, por exemplo em: “senhor/senhora”, “dona/seu”, “você”, “tu”. Em decorrência da amplitude do macronível, optou-se pelas FTNs (formas de tratamento nominais), pois dentre os vários elementos que são usados pelos falantes para se dirigirem a alguém, há um em especial: o vocativo.

Tendo em foco a investigação sobre as FTs e sua menção específica no “chamamento”, a abordagem recai sobre uma análise sociopragmática e sobre a teoria da relação interpessoal. Dessa forma, as escolhas linguísticas correspondem a valores que reverberam devido às características sociais, pois como afirma Vidal (1995) citado por Balsalobre (2015, p. 222): “[...] o comportamento cortês – incluindo a habilidade de se dirigirem formas de tratamento a interlocutores – não é uma habilidade natural, mas adquirida com o passar do tempo”. Vale lembrar que as investigações pelo viés sociopragmático, que esta pesquisa utiliza, vem contribuir para aferir os dados nas circunstâncias dadas pelos próprios informantes, revelando assim as propensões individuais das escolhas tratamentais.

Com esse propósito, o presente trabalho analisa as formas tratamentais no contexto de fala na cidade de Manaus. O estudo tem como ponto de partida a percepção de que há possíveis “regras” nas escolhas de tratamentos, principalmente, quando há escolhas lexicais, consciente e/ou inconscientemente, por parte de um emissor para um receptor que estabelece um valor simétrico ou assimétrico. Tencionamos corroborar com as noções sobre os usos linguísticos da fala da região norte do país, limitando-se às formas de tratamento nominais.

2. Metodologia

Os dados coletados em campo foram obtidos através de entrevistas, no qual três perguntas principais deveriam ser respondidas pelos informantes, a saber: i) quais seriam as três

pessoas mais próximas/íntimas do seu círculo de amizade; ii) em situação hipotética, como o falante chamaria a essas três pessoas; e iii) por qual motivo o falante usou determinado “chamamento”. Obtivemos um total de 16 entrevistados, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino, 8 de cada gênero. Eles foram subdivididos em três faixas etárias: 1ª faixa etária - dos 18 aos 35 anos, 2ª faixa etária - dos 36 aos 55 anos, e por fim, a 3ª faixa etária - acima dos 56 anos de idade. Para os objetivos desta pesquisa, as FTNs foram analisadas pelo viés quali-quantitativo.

A coleta ocorreu entre os meses de maio e agosto, do ano de 2019, na cidade de Manaus. Foi delimitado aos falantes os seguintes critérios: ter nascido na cidade, não ter deixado a cidade por um período maior que cinco anos e que tivessem vindo à cidade até os dez anos de idade. Os procedimentos nas entrevistas ocorreram da mesma forma para todos os colaboradores.

Esta metodologia foi também utilizada pela pesquisadora Mercedes Causse-Cathcart (2011) em seu trabalho intitulado: *Mi vida, mi amor, mi corazón... Formas de tratamiento em el habla de la ciudad de Santiago de Cuba*³. Vale ressaltar que o questionário da autora foi adaptado para este trabalho. Sendo assim, as entrevistas foram gravadas em um smartphone, para posterior transcrição. Tal metodologia foi iniciada pelo pesquisador fazendo uma breve explanação da finalidade da pesquisa (um trabalho de conclusão de curso) e perguntando se os informantes aceitavam participar da mesma, esclarecendo após a resposta que a entrevista seria uma conversa informal, rápida e que seria gravada. Inicialmente, se questionou o nome, a idade e o sexo dos colaboradores. Depois, se deu continuidade a entrevista. Segue o exemplo a seguir.

Exemplo de uma das entrevistas

P (Pesquisador): Tudo bem? Gostaria de fazer com você rápidas perguntas. Você considera ter muitos amigos? (Independentemente da resposta passará-se para a próxima pergunta);

P: Me cite o nome das três pessoas que você considera as mais íntimas, pessoas que você considera mais próximas (primeira pergunta).

I (Informante): Eu tenho X, Y e Z.

P: Digamos que o Fulano (nome da pessoa que o informante disse) esteja em uma loja realizando uma compra, pode ser qualquer loja que você esteja pensando, e que você tem uma novidade muito boa (com valor positivo) para contar para o Fulano, que não pode esperar para

³ Minha vida, meu amor, meu coração... Formas de tratamento na fala da cidade de Santiago de Cuba.

contar em outro momento. Daí você vai até a frente da loja e o chama, como você faria isso? (Segunda pergunta).

I: Eu digo Fulano.

P: Por que você o chamou de tal forma? (Terceira e última pergunta).

I: Ahh! Porque...

P: Tudo bem. Depois de se despedir do Fulano, você encontra o Cicrano em uma loja mais à frente realizando também uma compra. Você tem uma novidade muito boa (com valor positivo) para contar para o Cicrano...” (a pergunta se repete até completar as três respostas dos nomes passados pelos informantes, em que segue o mesmo formato como citado).

Nesta etapa, houve a escolha por pessoas íntimas devido ao fato de que, como aborda, Radcliffe-Brown (1974, p. 40, *apud* BALSALOBRE, 2015, p. 124): “As regras de comportamento são mais definidas e mais importantes para parentes próximos do que para parentes distantes”. Os “parentes próximos” não se resumem somente as pessoas consaguíneas, mas também a um grupo ou círculo social onde os interactantes possam relacionar-se de forma espontânea. Os entrevistados compreenderam a proposta da entrevista e produziram naturalmente as FTs de acordo com cada pergunta feita, contribuindo relevantemente para a pesquisa.

3. Referencial teórico

Nesta seção trataremos das teorias que embasam nosso trabalho, explicitando-as e mostrando sua importância para os estudos sociopragmáticos.

3.1. A sociopragmática

No intuito de estudar os aspectos linguísticos unidos aos elementos sociais, a sociolinguística contribui para o embasamento de muitas pesquisas. Os mecanismos sociais das línguas têm uma grande importância para o entendimento de possíveis “regras”, ou até mesmo de “normas”, que regem um determinado grupo e seus usos lexicais, tratamentais e interacionais. Muitos teóricos discorrem sobre a notoriedade e crucialidade que os estudos sociolinguísticos têm. Conforme explicita Calvet:

Trata-se simplesmente da afirmação de um princípio segundo o qual não é possível distinguir entre uma linguística geral que estudaria as línguas e uma sociolinguística que levaria em conta o aspecto social dessas línguas: em outros termos, a sociolinguística é a linguística (2002, p. 33).

Com a sociolinguística é possível compreender elementos coletivos que contribuem para explicações de fenômenos linguísticos. Entretanto, há algumas razões mais implícitas, em que o viés pragmático auxilia na compreensão de elementos da língua e da fala: o contexto de produção de enunciados verbais, fatores que unem as pessoas em uma espécie de laço afetivo ou “distancia” os indivíduos, são alguns dos exemplos em que a pragmática pode contribuir na explicação de escolhas lexicais, emprego de termos tratamentais e outros. Balsalobre diz que

Além dessa análise de cunho qualitativo, a sociolinguística fornece um subsídio de ordem quantitativa a fim de se interpretar os dados de maneira organizada e objetiva; iii) a pragmática contribui com uma interpretação mais profunda das escolhas tratamentais, por identificar as razões motivadoras de cada uso e suas respectivas consequências comunicativas na interação (2015, p. 110).

É em decorrência da união da sociolinguística com a pragmática que surgiu a sociopragmática. “Dessa forma, estabelecida a complementariedade dessas perspectivas teóricas, Lopes et al. (2011) referem-se a essa nova abordagem como ‘sociopragmática’” (BALSALOBRE, 2015, p. 97). Colaborando na compreensão dos atos de fala e seus usos, tal abordagem complementa e facilita as análises e descobertas a respeito das formas aqui tratadas.

Também com o objetivo de verificar o porquê de determinadas formas, essa pesquisa é semelhante a outro trabalho produzido pela pesquisadora e linguista Sabrina Balsalobre, nos países de Angola, Moçambique e Brasil. A autora argumenta que “[...] a intenção foi considerar as justificativas dadas pelos próprios informantes por se entender como fundamental a relação estabelecida entre os falantes e sua língua” (BALSALOBRE, 2015, p. 146). Devido à produção das FTNs de cada falante, tal abordagem foi utilizada aqui, já que os indivíduos esclarecem o sentido da produção de suas formas tratamentais.

3.2. Os vocativos como forma de tratamento nominal

Dentre as mais variadas FTNs, será utilizada a classe dos vocativos. Como discorre Kerbrat-Orecchioni:

No que se refere ao segundo macronível do sistema de formas de tratamento, é preciso referenciar que as formas de tratamentos nominais podem exercer a função sintática de vocativos, nas ocasiões em que são empregadas pelos falantes para insirem explicitamente seu interlocutor na cena enunciativa (2011, p. 218).

As FTNs, na forma de vocativos, possuem uma gama de variações e de utilizações. Em consequência disso, há uma complexidade de ocasiões em que podem ser empregadas, tornando-se um elemento com muitas suposições teóricas e que também são utilizadas constantemente pelos falantes que, às vezes, nem percebem sua manipulação.

Elas apresentam grande quantidade de formas e de características. Suas estruturas e componentes que são empregados pelo interlocutor decorrem de uma série de elementos extralinguísticos e intralinguísticos que o definem como um produto multifacetado. Decorrente da gramática tradicional, Cunha e Cintra (2001, p. 161) “[...] definem vocativos como termos que ‘não estão subordinados a nenhum outro [termo] da frase’ e que ‘servem apenas para invocar, chamar ou nomear’” (*apud* MORAES e SILVA, 2011, p. 104). Porém, Balsalobre (2015) explicita que os vocativos são termos empregados pelos falantes para inserir explicitamente seu interlocutor em determinado contexto enunciativo de interação.

Além disso, os vocativos servem como marcadores pragmáticos. O que os exemplifica como um termo híbrido, é refletor de circunstâncias de interação face a face e daí vem a complexidade contextual ou elemento extralinguístico. “Podem-se também considerar marcadores do discurso, porque, como diz (DINI, 1996, p. 57) o vocábulo, graças à sua função marcadora e de foco, pode chegar a ser incluído entre os marcadores pragmáticos” (*apud* JORGENSEN, 2011, p. 128-129, tradução nossa)⁴. Porém, há circunstâncias pragmáticas que retiram o vocativo da situação de invocar um interlocutor. O vocativo nulo (**Ø-vocativo**) “[...] decorre fundamentalmente de um posicionamento de ‘preservação da face’⁵ com relação a seu interlocutor” (BALSALOBRE, 2015, p. 296), no intuito de não haver um desconforto no momento da comunicação.

3.3. As formas combinadas como elementos enfáticos na interação

Além das formas de tratamento nominal e pronominal, existem também as formas combinadas (FCs), que são maleáveis entre as duas macrodivisões. Elas fazem parte de um amplo e rico léxico de elementos pertencentes às relações interpessoais, pois deixam de se referirem a simples elementos e passam para um nível mais “cortês”. Elas são no mínimo especiais e são bastante constituídas na fala em muitos contextos.

Na proposta de Kerbrat-Orecchioni (2011) trata-se das FTs que utilizam dois ou mais termos para enfatizar a relação entre interactantes⁶. A pesquisadora fez essas menções no contexto de fala francesa, que se encontra em seu artigo intitulado *Modelos de variações intraculturais e interculturais: as formas de tratamento nominais em Francês*. O estudo

⁴ “Se pueden considerar también marcadores del discurso, porque, como dice (DINI, 1996, p. 57) ‘el vocativo, gracias a su función marcadora y de enfoque, puede llegar a ser incluido entre los maracdores pragmáticos’”.

⁵ Lopes; Rumeu; Marcotulio (2011, p. 338) citam Brown e Levinson (1987) sobre a teoria da polidez e conceituam face ou face positiva, como a imagem (personalidade) que os indivíduos esperam ser vistos pela sociedade.

⁶ Kerbrat-Orecchioni (2006) definiu interactantes como os diferentes participantes ao longo do desenrolar de uma troca comunicativa que exerce uma relação de “influências mútuas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 8).

comporta uma relação da familiaridade e distanciamento, além das relações de poder que são expressas através dos elementos conciliados. Veja-se:

Uma descrição completa das FTNs deve não apenas fazer o inventário das unidades que a compõe, mas também registrar os diferentes tipos de combinações possíveis entre elas, já que essas unidades obedecem certas restrições combinatórias relativamente estritas e, ao mesmo tempo, bastante peculiares: combinação com os predeterminantes (artigo, possessivo) assim como com certos adjetivos (cher [claro], essencialmente); mas também combinações das FTNs entre elas, (...) Em compensação, a combinação monsieur/madame + nome (monsieur Paul [senhor Paulo]) encontra-se apenas em alguns contextos bem particulares, pois ela reflete familiaridade e, ao mesmo tempo, deferência, o que é atualmente, na França, como uma combinação no mínimo estranha (KERBRAT-ORECCHIONI, 2011, p. 22-23).

Estes elementos conciliados – como já citado acima – podem ser a união de uma FTN por artigo, pronome, interjeição, preposição, etc. Porém, podem ser confundidas com FTPs (formas de tratamento pronominais) quando trata-se da junção de um pronome com um nome. No entanto, a mesma autora propõe que as FTNs são pontos principais a serem abordados, pois o seu núcleo é um nome, mesmo que à primeira vista seja uma FTP.

Desdobrando-se as FCs, percebe o quanto se tratam de elementos peculiares, pois refletem várias circunstâncias dentro de um sentido macro: as FTNs. Na interação entre indivíduos, e devido às várias formas de conversação, a união de elementos enfatiza dada conjuntura que pode ser positiva ou negativa para um interlocutor. Assim, trata-se de mais um elemento constituinte de grande importância nas estruturas de relações interpessoais, que será abordado no próximo tópico.

3.4. A teoria da relação interpessoal

No objetivo de analisar as relações da fala manauara e possíveis motivadores sociais, optou-se pela teoria das relações interpessoais. O sistema das FTNs é investigado, neste estudo, com base nesses marcadores que compõe falantes em uma interação concreta, conforme explicita Catherine Kerbrat-Orecchioni⁷ (2006). Em sua obra *Análise da conversação: princípios e métodos*, a autora estabelece que nas sociedades há um certo grau de hierarquia entre os indivíduos. Cada pessoa desempenha um papel, seja na interação entre dois ou mais falantes, seja na convivência diária. Na base de uma comunicação, há a interação que: “[...]”

⁷ Catherine Kerbrat-Orecchioni doutora em linguística, é professora da Universidade Lumière Lyon-II e membro do Institut Universitaire de France. Ela é especialista em pragmática, análise do discurso e análise das conversações. Publicou *Les interactions verbales* (3 vols.), *Les actes de langage dans le discours*. Análise da conversação é sua primeira obra publicada no Brasil. Disponível em: <https://www.rumo.com.br/lojas/00034487/htm/HTMLAutores/catherine.html>. Acesso em: 20/09/2019.

pode ser concebida como uma sequência de eventos cujo conjunto constitui um texto produzido coletivamente num contexto determinado” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 62).

O contexto ou situação comunicativa compreende um quadro espacial (que pode ser considerado no seu aspecto puramente físico), tais como: um lugar aberto ou fechado, formal ou informal, público ou privado, etc.; ou também como um quadro temporal (que ocorre dentro de determinado lugar) que seria o momento específico para aquela interação. A situação comunicativa determina também o “tipo de distância” que se instaura entre os interlocutores, que pode ser horizontal e vertical, no momento da relação interpessoal. Assim, a autora afirma que: “[...] o contexto determina o conjunto de escolhas discursivas que o falante deve efetuar: seleção dos temas e das formas de tratamento, nível de língua, atos de fala etc” (*ibidem*, p. 33). Sem o contexto torna-se difícil a compreensão de algumas formas, bem como acontece com a compreensão de alguns textos literários, por exemplo.

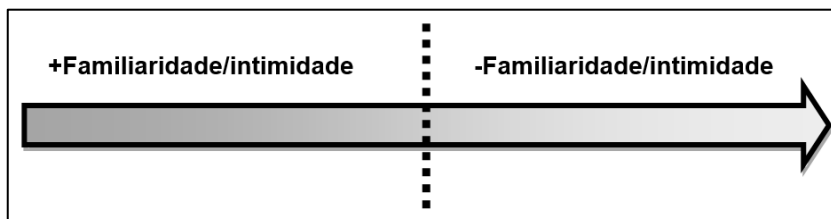
3.4.1. Eixo Horizontal: relações simétricas

Há fatores internos e externos presentes nas duas “distâncias” que servem para diferenciar quais as posições dos interactantes dentro dos dois eixos. Tratando-se do eixo horizontal, Kerbrat-Orecchioni (2006) discorre que:

Essa dimensão da relação remete ao fato de que, na interação, os parceiros em presença podem se mostrar mais ou menos “próximos” ou, ao contrário, “distantes”: o eixo da relação horizontal é um eixo gradual orientado, de um lado, para a distância e de outro, para a familiaridade e para a intimidade (*ibidem*, p. 63).

A autora coloca como contrário à familiaridade/intimidade o termo “distância”, porém optou-se nesta pesquisa pela utilização de outro termo que se contrapõe à familiaridade, que é [-familiaridade/intimidade]. Tal representação está presente na figura abaixo, como forma de exemplificação para o leitor.

Figura 01 – Eixo horizontal das relações simétricas



Fonte: Do autor com base na descrição de Kerbrat-Orecchioni (2006)

Neste eixo horizontal ou das relações simétricas⁸, há fatores internos e externos. Toda conversação se desdobra em características particulares que podem ser divididas em: tipo de laço socioafetivo, o qual é determinado pelo grau de conhecimento entre os interactantes podendo ser: pouco, muito ou nenhum; natureza do laço socioafetivo⁹; e situação comunicativa, podendo ser formal, informal ou cerimoniosa. Esses fatores pertencem aos elementos externos. Ainda no mesmo eixo, os signos verbais, não-verbais e paraverbais (pertencentes aos fatores internos), são os que interessam nesta pesquisa, mais exclusivamente os marcadores verbais que:

[...] evidentemente, devem ser mencionados logo de início, porque são os marcadores mais manifestos da relação, quer se trate: - do pronome de tratamento: o “você” sendo o símbolo, por excelência, da familiaridade, em oposição ao tratamento “senhor(a)”, que marca o distanciamento. – ou dos nomes de tratamento: não é a mesma coisa designar seu interlocutor por “caro colega”, “Senhor”, “Silva”, “José”, “Zé”, “amigo”, “querido”[...] (ibidem, p. 66).

Neste eixo horizontal, ainda são revelados a “+familiaridade/intimidade” e a “-familiaridade/intimidade”. Segundo o dicionário Houaiss (2001, p. 1305), familiaridade significa: “1 qualidade ou virtude do que é familiar (...) amizade, camaradagem, camaradaria, coleguismo, compadrice,...”. Kerbrat-Orecchioni (2006) explicita que relações familiares podem chegar a um grau de intimidade, Acevedo diz que “[...] uma forma mais íntima ocorre quando se estabelece uma relação mais confiante com o tempo e em determinados contextos como: (...) se tornam namorados ou mais amigos”¹⁰ (2011, p. 423, tradução nossa). Já sobre “-familiaridade/intimidade” (ou mesmo que “distância”), Kerbrat-Orecchioni (2006) discorre que:

O termo “distância”, conforme o utilizamos aqui, é uma metáfora espacial, reencontrada, aliás, em muitas expressões da língua cotidiana: “guardar suas distâncias”, “ser/estar distante”, “ser/estar próximo de alguém, etc. (...) são tomadas de pontos de vista distintos: quando mais “próximos” forem os interactantes, mais “aproximados” eles permanecerão (2006, p. 65).

A “metáfora espacial” remete a uma diferença, possivelmente, de ambiente social. Já que trata-se de um fator oposto ao de “+familiaridade/intimidade”, “-familiaridade/intimidade” revela

⁸ Relação simétrica é interação “[...]que não tem outro objetivo explícito que não seja o prazer de conversar, ela tem, enfim, um caráter familiar e improvisado[...]” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 13).

⁹ Para os participantes (da interação) são considerados (entre outros) suas relações mútuas: a natureza do laço social (familiar ou profissional, com ou sem hierarquia) e afetivo (simpatia ou antipatia, amizade, amor e outros sentimentos que podem ou não ser partilhados (Ibidem, p. 27).

¹⁰ “[...] una forma más íntima se da cuando se establece una relación más de confianza que se da con el tiempo y em certos contextos como: (...) se hacen novio o más amigos.”

um elo frágil entre falante e seu interlocutor. Com isso, a falta de relação próxima caracteriza uma das partes do eixo horizontal.

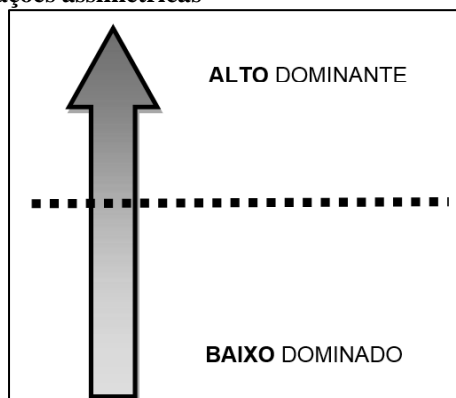
3.4.2. Eixo vertical: relações assimétricas

No que diz respeito ao eixo vertical, a autora Kerbrat-Orecchioni (2006) argumenta que:

Quer a chamemos de “poder”, “hierarquia”, “dominação” ou “relação de lugares”, essa dimensão remete ao fato de que os parceiros em presença não são sempre iguais na interação: um dentre eles pode se encontrar numa “alta” posição de “dominante”, enquanto o outro está localizado numa “baixa” posição “dominado”. Diferentemente da distância horizontal, a distância vertical é, essencialmente, dissimétrica, o que se reflete no nível de seus marcadores (por exemplo, na utilização não-simétrica do pronome de tratamento) (2006, p. 69).

No intuito de tornar a exemplificação mais didática, propusemo-nos a ilustrar o eixo vertical na figura a seguir.

Figura 02 – Eixo vertical das relações assimétricas



Fonte: Do autor com base na descrição de Kerbrat-Orecchioni (2006)

Nesse eixo as interações são desiguais e necessitam de fatores contextuais, verbais, não-verbais e paraverbais, para que haja um marcador. Seriam exemplos de marcadores verbais da interação assimétrica os pronomes de tratamento, veja-se:

[...] seu uso recíproco (você/você, para a familiaridade, e senhor(a)/ senhor(a)a, para a distância) reflete uma relativa igualdade dos interlocutores; seu funcionamento, dissimétrico (você/senhor[a]) exprime uma relação fortemente hierarquizada, na qual o tratamento por “você” ocupa a posição alta e tratamento por “senhor(a)”, a posição baixa; - conforme o emprego dos títulos e dos termos de parentesco. (*ibidem*, p. 71)

Nesta pesquisa, iremos atentar para os fatores contextuais e verbais. Os elementos verbais foram explicitados (você/você, senhor(a)/senhor(a) ou você/senhor[a]). Os

componentes contextuais residem em aspectos como: idade, sexo, estatuto, papel interacional ou qualidades pessoais que reagem sobre o domínio da língua, competência, prestígio, o carisma e até mesmo força física (Kerbrat-Orecchioni, 2006). Na interação, primeiramente é estabelecida uma relação simétrica, porém com a gradual conversação os interlocutores vão utilizando mecanismos para se “posicionarem” no alto dominante ou no baixo dominado. Com isso, a autora argumenta que “a relação de lugares dependem da produção de algumas unidades particularmente pertinentes nesse sentido os ‘relacionemas verticais’, que chamaremos de taxemas, distinguem-se a rigor, em “taxemas de posição alta” e ‘taxemas de posição baixa”’ (*ibidem*, p. 70).

Vale ressaltar que o taxema alto dominante revela impor certa escolha a seu interlocutor. Escolhas lexicais, de comportamentos e emoções, durante a interação caminham em uma certa “obrigação” do emissor para com seu receptor no momento da relação interpessoal. Kerbrat-Orecchioni (2006) corrobora que “[...] assim, será colocado em alta posição aquele que conseguir impor a seu parceiro suas escolhas temáticas, seus usos lexicais, e, com certeza, seu ponto de vista sobre os objetos submetidos a controvérsia, ao longo da interação (*ibidem*, p. 74). Dessa forma, a colocação de um interlocutor na posição baixa é um fator preponderante de poder exercido.

3.4.3. Categorização para teoria da relação interpessoal

Para auxílio do rico e amplo componente de tratamento, em outra obra, Kerbrat-Orecchioni (2011) propôs as formas de categorização. Tratam-se de microníveis que adentram nos paradigmas horizontal e vertical. A classificação utilizada aqui teve como base a pesquisa da autora acerca da língua francesa, e põe à disposição um acervo organizado. Tratam-se de seis formas categóricas¹¹:

- a) os nomes de pessoas (os sobrenomes ou patronímicos, os nomes próprios ou nomes de batismo, os diminutivos e os apelidos);
- b) as formas senhor/senhora/senhorita, que não possuem mais valor de títulos, são FTs de caráter geral na relação não familiar;
- c) os títulos: sejam herdados (títulos nobiliários) ou conferidos, (meu) capitão, estes têm sempre um valor “honorífico”;

¹¹ Categorias da pesquisa de Catherine Kerbrat-Orecchioni intitulada: Modelos de variações intraculturais e interculturais: as formas de tratamento nominais em Francês, *In.: As formas de tratamento em Português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais* (2011).

d) os nomes de profissão e de função: táxi (por metonímia), motorista, garçom; ou nos canteiros de obra: pedreiro, chaveiro, eletricitista;

e) as formas relacionais: termos de parentesco – papai, mano, vovó, etc. mas também expressões como (caro) colega, amigos, meus caros compatriotas, confrade, irmão, (alô/oi/aí) vizinho, etc.

f) os rótulos, que “catalogam” o interlocutor e que, de modo distinto dos apelidos, possuem um caráter improvisado e ocasional: por exemplo quando chama-se um interlocutor desconhecido por alguma característica momentânea, como por exemplo: ô loira/você aí/você, de cabelo louro; e por fim,

g) as formas afetivas, com valor negativo (termos injuriosos: babaca, imbecil, otário) ou com valor positivo (palavras carinhosas, termos mais ou menos lexicalizados, cujo paradigma pode se estender indefinidamente: por exemplo, minha linda, minha princesa e outras metáforas.

Além disso, o vínculo familiar reverbera-se em código e não é apenas um princípio de classificação e de organização. Como declara Marie (1978) *apud* Balsalobre (2015, p. 122), é “[...] uma linguagem mais ou menos ideológica e mais ou menos manipulada. É, pois, uma chave para a interpretação de todas as sociedades em que o parentesco não se reduz à família conjugal[...]”. Marie (1978) considera que pessoas referentes a grupos sociais e às suas organizações dentro da relação de familiaridade, também são considerados parentes. Ou seja, vai além de pai, mãe, tio, tia, avó, etc. Família não se resume aos laços consanguíneos, nesse sentido.

4. Análise dos dados

Com base nas teorias referidas e em toda a contextualização da pesquisa, iremos verificar nas suas respectivas tabelas e classificações os vocativos utilizados.

Foram coletadas 52 FTNs, em que 25 formas foram empregadas pelo sexo feminino e 27 utilizadas pelo sexo masculino. Do total de FTNs coletadas, houve dois informantes que não utilizaram vocativos para chamamento pelo fato de que, possivelmente, não tinham tanta proximidade com seu interactante e obedeceram ao critério de uma relação distanciada. Tais vocativos nulos (**Ø-vocativo**) são expressos dentro do eixo horizontal da relação interpessoal, conforme proposto, posteriormente, na figura 03. As falas dos dois colaboradores que utilizaram o **Ø-vocativo** são demonstrados a seguir:

(01) *Sem ter uma abordagem de gritar ou chamar* por ele, só me direciono até ele e falo com ele (por que)¹² como eu falei, *essa é a única forma*¹³ (C) – H.1fe.¹⁴

(02) *Eu me aproximaria deles e conversava e contava* e diria que teria que ter... entendi? (por que) pra te ver como é a intimidade, já com o teu pai e tua mãe *eu teria uma cautela para chamar*, que embora *tenha uma amizade* (N) – M.3fe.

(03) *Também na mesma cautela é*, são também amigos íntimos (N) – M.3fe.

Tal menção do **Ø-vocativo** vai ao encontro com resultados obtidos por Balsalobre (2015) em sua pesquisa. Conforme a autora, a exclusão da FTN estabelece que há uma regra em que os falantes a utilizam quando referidos a interlocutores em distância. Porém, o ambiente ligado a outros fatores como o aspecto relacional do momento da interação, podem ter contribuído para o emprego do **Ø-vocativo**. Talvez pelo fato de que não haja tanta “intimidade” e nem opções – como no caso do falante (C) – H.1fe. – o elemento ausente tenha sido empregado para manter uma relação de pouca familiaridade.

Na sequência, apresentam-se as formas tratamentais encontradas nesta pesquisa. A tabela 01 de inventário foi dividido conforme discorre Kerbrat-Orecchioni (2011) para a língua francesa. Desse modo, seguem-se as formas encontradas de FTNs no *corpus* da pesquisa, buscando apresentar um panorama dos tratamentos utilizados.

Tabela 01 – Inventário de formas de tratamento do *corpus* manauara

a) Nomes de pessoas	b) Formas senhor/senhora/senhorita	e) As formas relacionais: termos de parentesco	f) Rótulos (possuem um carácter improvisado)	g) Formas afetivas com valor negativo ou positivo
Nome Ei + nome Apelido Bom dia + nome	Seu + nome, Oh seu + nome	Mãe Tia Mano(a) Mano(a) + do céu Brother Amigo(a) Amigo(a) + do céu Migo(a) Mermão Compadre Nome + miga	Ei + vocês dois Dona + nome	Meu bem Amor Ei + Baitola

Fonte: Do autor

¹² Entre parênteses estão as falas do pesquisador.

¹³ Em itálico estão as resposta a pergunta feita na entrevista: por que você o chamou de tal forma?

¹⁴ Esse código auxilia e protege a identidade dos entrevistados. A letra em maiúscula dentro do parênteses refere-se ao sujeito da entrevista, as letras em maiúsculas referem-se ao sexo: “H” para masculino e “M” para feminino. A numeração seguida de “fe” refere-se a faixa etária: 1fe, 2fe e 3fe.

Na tabela 01, percebe-se que não há as categorias “c) os títulos”, que podem ser os herdados ou conferidos e “d) os nomes de profissão e de função”, pois possivelmente são formas dispersas para o interlocutor, já que tal pesquisa aborda pessoas próximas do falante, ou seja, o laço que une os falantes – nesta situação não referida no inventário – são extremamente separadas das circunstâncias que aproximam interactantes considerados, numa relação igualitária e/ou simétrica. Nas relações de “não familiar” e de “profissão”, talvez seja possível a omissão por parte dos interlocutores para o chamamento de seus ouvintes.

Outro termo não expressado no quadro de inventário da tabela 01, proposta por Kerbrat-Orecchioni (2011), foram as formas combinadas (FCs). Mas, a seguir será situada a tabela 02 que expõe as FCs. Nela, serão abordados dados que caracterizam as FCs de forma detalhada.

Tabela 02 – Formas combinadas

	Formas combinadas	Explicação do informante ao termo empregado	Falante da FT combinada	Formas combinadas dos eixos: horizontal e vertical
Eixo horizontal	Ei + nome	“...um segredo para contar.”	(D) – H.1fe	FC – (A)
	Mano + do céu	“...da proximidade.”	(A) – H.1fe	
	Nome + miga	“...intimidade mesmo.”	(E) – H.1fe	
	Ei + baitola	“...muita intimidade.”	(G) – H.2fe	
	Ei + mana	“...fato de ser gay.”	(I) – M.1fe	
	Oi + amiga	“...tem essa intimidade.”	(L) – M.2fe	
	Meu + bem	“...amiga de mais anos.”	(O) – M.1fe	
	Amiga + do céu	“...muito na intimidade aí eu falo...”	(K) – M.2fe	
	Bom dia + nome	“...se ela estivesse ocupada eu iria esperar...”	(P) – M.2fe	
	Ei + vocês + dois	“...sintético e global.”	(F) – H.1fe	FC – (B)
Eixo vertical	Oh seu + nome	“Se a intimidade não for suficiente.”	(H) – H.3fe	FC – (C)
	Seu + nome	“...não desmerecendo o grau de intimidade, mas o ambiente em que estamos...”	(H) – H.3fe	FC – (D)
	Dona + nome	“Tenho intimidade tremenda (...) por respeito.”	(H) – H.3fe	

Fonte: Do autor

As formas que mais foram empregadas como recurso para chamar seu interlocutor foram as FCs com 30.7%¹⁵ (16), que equivalem as FCs em comparação com 100.0% (52) do

¹⁵ Tais numerações em porcentagem não advêm de programa de computador, mas de cálculos dos próprios pesquisadores.

total de FTNs utilizadas. E tais formas movem-se dentro dos eixos horizontal e vertical. Trata-se de formas altamente versáteis e utilizadas no contexto manauara. Elas dão uma ênfase, seja com quais elementos venham a se unir, seja qual sexo utilizem-nas. Do total de 16 FCs utilizadas no *corpus* da pesquisa, 68.7% (11) das FCs são referentes ao sexo masculino, enquanto que 31.2% (5) é referente ao sexo feminino.

As FCs (A) e (B), que estão presentes na tabela 02 compoendo o eixo horizontal, comportam uma gama de variações e diferentes posições. A seguir será abordado o exemplo (04) na qual o colaborador (A) – H.1fe. mencionou vocativo que se encaixa na posição próxima ao lado de +familiaridade/intimidade presente no eixo horizontal. Enquanto que o colaborador (F) – H.1fe. abordou um vocativo que não está próximo a posição de +familiaridade/intimidade. Como podemos observar a seguir:

(04) Eu chegaria: **Mano do céu!**¹⁶ Mano, acabei de comprar (...) É porque pelo *nível de proximidade* que nós temos (...) e pela toda essa *intimidade* (A) – H.1fe.

(05) Aí eu *uso o numeral né!* **Ei vocês dois** venham cá rapidinho. (...) *Esse é mais sintético e global* assim (F) – H.1fe.

Os **apelidos**, incluindo as formas combinadas (A) e (B), **mano(a)/brother, amor, Ei baitola, amigo e mermão**, encaixam-se no eixo horizontal em uma relação de valor de mais proximidade e familiaridade, ou seja, tais termos empregados dizem respeito ao “laço socioafetivo”, o fator de “conhecimento do outro” e grau de intimidade, conforme explicitado pelos entrevistados, foi repetido diversas vezes como justificativa da utilização da FTN. Tais termos são abordados ponto a ponto no decorrer do trabalho.

As FTNs **Amor e Ei baitola** são um caso à parte. Os informantes (F) – H.1fe. e (G) – H.2fe., que utilizaram tais termos, são ambos do sexo masculino e argumentaram ter muita familiaridade com seu interlocutor. Como se tratam de elementos que constituem as “Formas afetivas com valor negativo ou positivo” – **Amor e Ei baitola** – o laço socioafetivo e o conhecimento entre falante e ouvinte são bastante fortes e, por isso tais FTNs encontram-se mais próximas de intimidade. Seu alto grau de proximidade com seu interlocutor posiciona o vocativo mais próximo do fator de familiaridade em comparação aos outros. O informante (F) deu a seguinte explicação a respeito de sua escolha pela FTN “amor”, e assim apresenta-se em dada posição dentro do eixo horizontal conforme será demonstrado na figura 03. Como afirma o próprio falante:

¹⁶ Em negrito estão as FTNs empregadas pelos falantes.

(06) Primeiro eu não a chamaria pelo **nome** por causa da *intimidade*, a gente tem *intimidade* então a gente *tem esses “codinomezinhos”*, *esses apelidos carinhosos: amor* e tal (F) – H.1fe.

A FTN (**Ei baitola**), normalmente refere-se a um termo pejorativo quando utilizado por pessoas heterossexuais em relação às pessoas homoafetivas, mas tem seu valor alterado dependendo do contexto de +familiaridade/intimidade. Como salienta Bañón (1993, p. 118) *apud* JORGENSEN (2011, p. 130), é muito frequente entre os jovens o emprego de vocativos axiológicos negativos com valor positivo, ao produzir uma inversão contextual de seu sentido”¹⁷. Na fala do informante percebemos que não é uma FTN de circunstância pejorativa, mas um vocativo que revela bom grau de conhecimento entre os interactantes. E daí, sua posição no eixo na parte de familiaridade:

(07) **Ei Baitola** vem aqui comigo! Quero falar contigo [risos] (Por que o senhor falou desse jeito pra ele?) *Porque eu tenho muita intimidade com ele, intimidade. É um cara sangue bom. Não vale nada, mas eu gosto dele.* (G) – H. 2fe.

Da mesma forma que a FTN anteriormente citada expressa uma familiaridade entre interlocutores, **mermão** é no mínimo curiosa. O informante (A) – H.1fe. criou um mecanismo para unir um pronome possessivo (meu) a uma forma de parentesco (irmão), e tal menção possui um alto valor familiar, no mesmo aspecto que as FCs – (A). Porém, não adentra, potencialmente, nas FCs, porque há uma espécie de hibridização por parte do falante e, com isso será considerada como uma FTN à parte das FCs. Tal elemento, afere o quanto as FTNs são ricas (do ponto de vista criacional), como aborda Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 15): “Geralmente aplicada(s) de maneira inconsciente (pelos interactantes)”.

(08) Eu chegaria primeiro, eu daria um soco primeiro nele, e diria: **mermão** tu não tem o que fazer não? Daria um soco nele, aí depois daria um abraço nele assim [gesticula] (...) *Porque nossa relação assim, ela é mais, muito mais íntima, muito mais emocionante, conto meus problemas, por que nossa amizade foi, é [breve pausa] contruída a partir de um contar o segredo por outro, contar meus problemas e tal, eu passei muitas partes dos meus problemas emocionais foi com ele* (A) – H. 1fe.

Os **apelidos** que foram utilizados pelos informantes (B) – H.2fe. e (O) – M.1fe. dependem de certo posicionamento e aceitação do outro interlocutor. Sendo utilizado duas vezes pelo colaborador (B) – M.2fe. talvez ele tenha mencionado esta FTN devido a sua reciprocidade, pois segundo ele e (O) – M.1fe., foi um mecanismo de comparação e

¹⁷ Como señala Bañón (1993, p. 118) *apud* JORGENSEN (2011, p. 130), es muy frecuente entre los jóvenes el empleo de vocativos axiológicos negativos com valor positivo, al producirse una inversión contextual de su sentido.

estabelecimento de um laço socioafetivo entre os dois interactantes. O receptor tem que aceitar tal apelido e ter uma forma tratamental também, e isto põe tal FTN mais próxima – no eixo horizontal – à relação de familiaridade. Estes têm como categoria os nomes de pessoas, porém sua posição está diferente das FTNs *nomes*, o que corrobora para uma familiaridade ligada aos apelidos. Como mencionado em destaque, por um dos entrevistados:

(09) Sei lá, encaixou na época é..., na época estava estudando sobre o livro de Eclesiástico e ele sabia tudo, aí eu fui perguntar: tu leu a bíblia toda? Aí realmente, aí comecei a chamar ele de **Eclesiástico** e ficou. Quando a gente se encontra, chamo ele de **Eclesiástico** e ele me chama de amiguinho (B) – H.2fe.

(10) A Fulana¹⁸ eu chamo de **Ray** (...) *Porque é o apelido que eu dei para ela.* (O) – M.1fe.

Estes, novamente, pertencem à categoria de nomes de pessoa, também proposta por Kerbrat-Orecchioni (2011) e se veiculam no eixo como um dos mais próximos à +familiaridade/intimidade. Os interlocutores, pelas suas respostas, denotam grande proximidade, especificando um certo conhecimento e aceitação por parte do seu ouvinte. Por exemplo, os informantes (B) – H.2fe. e (O) – M.1fe foram os que utilizaram os apelidos e se referiram ao seu interlocutor ou por ironia ou por dar uma característica ao outro e o outro aceitando tal nomeação. O laço socioafetivo é de maior proximidade entre esses interlocutores.

As formas **amigo(a)** e **mano(a)/brother** encontram-se no eixo horizontal, porém tem aspectos diferenciados dos demais referentes às “formas relacionais: termos de parentesco”, conforme proposto por Kerbrat-Orecchioni (2011). As duas FTNs representam 21.1% (11) das formas utilizadas, sendo que **mano(a)/brother** foi empregada, majoritariamente, pela 1ª fe., com 66.6% (6), exemplificando que os mais jovens fazem seu emprego de forma mais contudente.

Mano(a)/brother revelou-se – por parte dos falantes – uma forma “geral” e “comum” ficando assim em uma posição próxima a +familiar/intimidade conforme ilustra a figura 03, mas que realmente “[...] indicam tratamentos menos tensos, mais horizontais, menos hierárquicos, ou seja, mais solidários [...]” (BALSALOBRE, 2015, p. 292). Tais vocativos se encaixam nas *formas relacionais: termos de parentesco*. A relação de parentesco, como corrobora Marie (1978) citada por Balsalobre (2015), vai além da simples menção consanguínea. Neste caso, o nível de intimidade é de um alto grau de conhecimento entre os interlocutores, posicionando tal termo ao lado da familiaridade do eixo das relações simétricas. Conforme explicitam os próprios falantes:

¹⁸ No intuito de manter em sigilo os nomes das pessoas que os informantes mencionaram, os termos serão substituídos por: Fulano(a), Cicrano(a), Beltrano(a) e Albano.

(11) Eu chegaria de uma *forma mais discreta*, por que o **Fulano** ele tem um [breve pausa] assim, uma certa, um certo limite com as minhas euforias, um certo limite, *então chegaria de uma forma não tão normal, mas de uma forma mais animada sem que chamasse a atenção das pessoas que estão ao redor* (A) – H.1fe.

(12) **Mano** também! Por que, acho pelo *mesmo nível do Cicrano* né (...) *se ela não for minha amiga e eu chamo todo mundo de Mana*, no caso que é mulher que eu não tenho tanto convívio (E) – H.1fe.

Por isso, tais formas encontram-se no meio da escala no eixo horizontal. Devido às menções feitas pelos falantes de **mano(a)/brother**, mostra-se um equilíbrio no que concerne ao fator sexo, já que essa FTN foi utilizada pelo do sexo feminino cinco vezes (55.5%) e masculino quatro (44.4%).

Os **nomes**, que representaram 19.2% (10) das 52 FTNs utilizadas e **Compadre** que foi utilizado um única vez no *corpus* pelo informante (G) – H.2fe., encaixam-se, respectivamente, na categoria de nomes de pessoas (próprias ou de batismo) e nas formas relacionais: termos de parentesco, como ratifica Kerbrat-Orecchioni (2011). Na pesquisa, quando se trata dos **nomes**, os informantes mesclam o fator socioafetivo com o grau de conhecimento do seu receptor. Alguns deles argumentaram utilizar esta FTN devido a “contar um segredo” ou por ser uma forma geralmente utilizada. Tal léxico é vinculado ao fator de familiaridade e também de distância, pois tratam-se de elementos autonucleados. Isto fortalece para a perspectiva de Jorgensen (2011, p. 130), na qual os nomes e vocativos nucleam a si mesmo dentro do âmbito de intimidade ou não. Os comentários a seguir vem expressar por parte dos informantes, quanto a utilização dos **nomes**:

(13) **Ei Beltrano!** Vem cá **Beltrano**, preciso te contar uma coisa [risos]. *Por que tenho segredo pra contar pra ele também de um assunto que ele gosta* [risos]. (D) – H.1fe.

(14) **Fulana!** [entonação de gritar ao chamá-la] vem aqui que eu quero te contar uma coisa. (Porque você chamaria ela assim?) *Porque eu geralmente chamo as pessoas pelo nome*. (K) – M.2fe.

Porém, Perret (1968, p. 6) citado por Giaufret (2011, p. 48), discorda da afirmação quando o nome representa um elo de distância (-familiaridade/intimidade) por parte dos indivíduos, pois ele considera o nome, quando representado por vocativo, afirmações do tipo: “eu conheço seu nome”, “eu conheço você” e que podem ser interpretados como “suposições”.

Já **compadre**, é exibida como uma FTN de caráter não familiar já que o laço socioafetivo que une os interactantes é de parentesco (como definido na categorização de

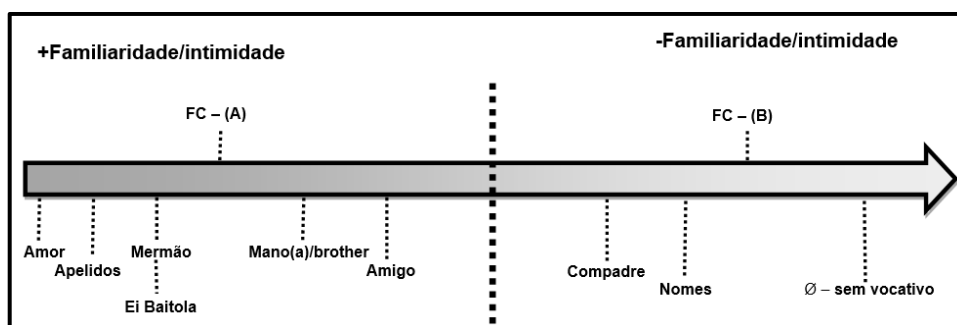
Kerbrat-Orecchioni, 2011) e mesmo assim, insuficiente para estabelecimento de um alto grau de intimidade. Como explicita o próprio falante:

(15) Aí eu chamo **Compadre** (Por que?) **Compadre** porque é [breve pausa] não tenho toda essa intimidade que eu tenho com o outro (G) – H.2fe.

Daí sua posição no eixo horizontal de uma relação de distância. E com isso, chegamos a seguinte disposição dos elementos encontrados no *corpus* da pesquisa. Os termos: **apelido**, **amor**, **FC – (A)**, **irmão**, **Ei baitola**, **Mano(a)/brother** e **amigo**, situam-se no lado da +familiaridade/intimidade, porque o grau de conhecimento e laço socioafetivo (como proposto por Kerbrat-Orecchioni, 2006) entre os interactantes é de intimidade e de ótimo conhecimento entre eles. Já as FTNs referentes a: **nome**, **compadre**, **FC – (B)** e **Ø-vocativo**, situam-se ao lado da –familiaridade/intimidade, pois suas formas referidas não propõem um bom/razoável, conhecimento e de um laço socioafetivo de razoável intimidade.

Conforme observado nas teorias de Kerbrat-Orecchioni (2011), as categorias propostas – pela mesma autora – e as falas dos próprios informantes, ajudaram na composição e ordem dos vocativos referidos no *corpus*. Abaixo estará uma representação mais didática dos elementos propostos pela teoria.

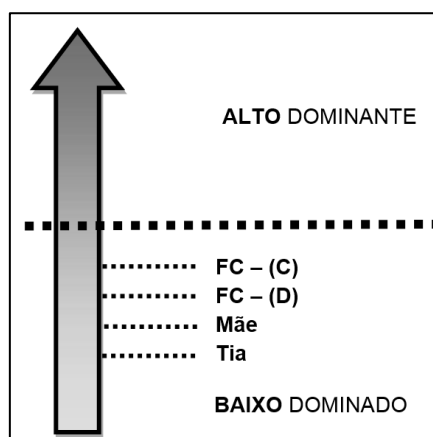
Figura 03 – Formas dispostas no eixo horizontal das relações simétricas



Fonte: Do autor

Decorrente das FTNs utilizadas para chamar a seus respectivos interlocutores, no contexto utilizado na pesquisa, existiram situações em que a relação de pessoas próximas foram encaixadas em termos de alta e baixa dominação. Mesmo sendo de um círculo restrito de parentes, as FTNs tenderam a ter um teor de respeito, ou seja, uma relação assimétrica. Na figura abaixo há sua representação.

Figura 04 – Formas dispostas no eixo vertical das relações assimétricas



Fonte: Do autor

Os informantes (H) – H.3fe., (I) – M.1fe. e (J) – M.1fe., sendo que (H) – H.3fe. é do sexo masculino e os outros são do sexo feminino, utilizaram os marcadores de uma relação assimétrica pelo fator idade, contexto e poder. O fato curioso é que estas FTNs não pertencem a uma relação equânime entre interactantes. Porém, mesmo assim os fatores grau de conhecimento e laço socioafetivo foram estabelecidos. Por exemplo, o informante (H) atribui a todos vocativos valor de FC, unido de certo grau hierárquico, pois utiliza-se para combinar os pronomes “Seu” e “Dona” para se referir a interactantes do sexo masculino e feminino, respectivamente.

(16) *Do mercadinho então o tratamento seria esse Seu Fulano, Seu Beltrano, Seu Cicrano, Seu Albano.* (H) – H.3fe.

Posteriormente, discorre o porquê de tais vocativos:

(17) *O tratamento seria esse por causa, não por causa da, não desmerecendo o grau de intimidade, mas o ambiente em que estamos, o ambiente que a gente tá ali nos encontrando* (H) – H.3fe.

A ocasião referida pelo informante se dá pelo ambiente ser comercial (o de loja ou supermercado, conforme descrito na metodologia). Além disso, foi empregado a FTN **Dona** no seguinte enunciado:

(18) *Eu chamo por respeito minha sogra mãe da minha mulher de Dona Fulana* (H) – H.3fe.

O colaborador (H) – H.3fe., compôs a FC: seu + nome, Oh seu + nome e Dona + nome (que representam respectivamente FC – (C): Seu + nome; Dona + nome e FC – (D): Oh seu + nome), devido ao contexto de produção, o qual está ligado a um espaço psicossocial de comportamento cortês, como salienta Kerbrat-Orecchioni (2011). Além disso, há a atribuição de um valor vertical de dominado quando utilizado a FT Dona. Tais dissimetrias refletem: “[...]a

existência entre eles de uma forte relação hierárquica (o superior comportando-se como subalterno de um modo próximo, e o subalterno comportando-se com o superior de um modo distante)” (*ibidem* p. 69). Tal fato discorre sobre a maleabilidade dos vocativos. Mesmo tendo uma “intimidade tremenda”, conforme expresso pelo falante, há uma dissimetria em relação ao fato de ser mãe de sua mulher e este fato é revelado na utilização de FTN pertencente ao eixo vertical.

Os informantes (I) – M.1fe. e (J) – M.1fe. estabelecem com sua Mãe e Tia uma relação de proximidade, conforme expresso pelo informante (I). Este expressa a razão de ter chamado seu interlocutor de tal forma e o informante (J) expressa a razão de ter chamado seu interactante de tia :

(19) Eu chamo assim né, **Mãe** vem! (...) então eu digo **Mamãe** vem cá por favor! (...) porque assim, *as vezes eu chamo ela de Mana mas eu lembro que ela é minha Mãe* (I) – M.1fe.

(20) **Tia** consegui passar na faculdade (...) Ah! Porque assim é uma coisa que *elas esperam bastante de mim né*, que estou estudando e tal, então né! (J) – M.1fe.

Tais informantes vão ao encontro a Causse-Cathcart na qual argumenta que: “A variável sexo introduziu neste grupo uma diferenciação porque foram as mulheres de nível sociocultural alto as que consideram relevante o lugar, as circunstâncias de emprego e o grau de afinidade” (2011, p. 67)¹⁹. Dessa forma, as informantes do sexo feminino utilizaram as FTNs dissimétricas pondo circunstâncias de emprego para “Mãe” e “Tia”: relação de idade [como ocorrido do falante (I) – M.1fe.] e de obtenção de algum objetivo em “esperam bastante de mim”, como ocorreu no informante (J) – M.1fe.

Conforme argumenta Kerbrat-Orecchioni, o falante efetua a “[...] seleção dos temas e das formas de tratamento, nível de língua, atos de fala etc” (2006, p. 33). Isto implica na escolha dos falantes, como mencionado pelos mesmos, pois no momento da produção das formas tratamentais e de interação, tais elementos são levados em consideração pelos interactantes. Casos como o do informante (H), (I) e (J) são exemplos de como o contexto de produção das interações e grau de afinidade tem forte influência nas escolhas feitas pelos indivíduos, de modo que este é um fator crucial no contexto enunciativo.

¹⁹ “La variable sexo introdujo em este grupo una diferenciación porque fueron las mujeres de nivel sociocultural alto las que consideran relevante el lugar, las circunstancias de empleo y el grado de afinidad.”

5. Considerações finais

Sendo um espaço fecundo de observação para entender a língua e a sociedade, tal estudo teve como ponto principal a observação das FTNs empregadas como vocativos realizadas no contexto de produção manauara. Tais FTs compuseram um ampla variedade de formas e de sentidos, onde estiveram presentes uma série de componentes de produção da conversação. Através das entrevistas e das respostas dos falantes obtivemos correlações entre o uso concreto da língua.

Para recuperar o argumento inicial de analisar as FTNs através de uma perspectiva teórica proposta por Kerbrat-Orecchioni (2006), os resultados evidenciam que tratam-se de amplos e complexos laços de relações (íntimas ou não) e também de contextos que “encaixam” essas formas nos eixos propostos. Possivelmente, como tratavam-se de interlocutores do círculo de familiaridade, por parte dos falantes, as FTNs obtiveram uma maior adesão ao eixo das relações simétricas, ou seja, o eixo vertical. No entanto, ainda houve FTs que mesmo sendo caracterizadas como referentes à pessoas íntimas aderiram ao eixo das relações assimétricas, ou seja, de hierarquia.

Em termos gerais, parte dos manauaras utilizaram os vocativos para demonstrar certo nível de relação com seu interactante (se comparado com o número de indivíduos (2) do total (16) que utilizaram a forma **Ø-vocativo**). Isso evidencia que o vocativo ainda é o principal mecanismo de inserir o interlocutor no contexto enunciativo. E em sua maioria, eles revelaram estar presentes na categoria de FC com aproximadamente 30% das FTNs utilizadas no *corpus* da pesquisa. Conforme havia mencionado Kerbrat-Orecchioni (2011), seriam formas flexíveis e no mínimo “curiosas”, pois manifestaram ser elementos que “reforçam” a participação na interação, ainda mais por parte do emissor do sexo masculino que predominou com 68.7%. Essas FCs são flexíveis pelo fato de estabelecerem-se em diferentes posições, tanto na horizontalidade quanto na verticalidade.

Além disso, os elementos categóricos, que são exibidos na seção 3.4.3., e que foram mais aplicados pelos colaboradores, são referentes às formas relacionais: termos de parentesco. Conforme Marie (1978) *apud* Balsalobre (2015, p. 122) acertadamente propõe, parentes vão além de indivíduos consanguíneos, que pertencem estritamente ao grupo familiar: pai, mãe, tios, etc., e assim ampliam, por parte dos falantes, o campo de relações íntimas na qual os parentes passam a ser também: amigos, pessoas conhecidas, que lhes ajudaram em algum momento de suas vidas.

É possível mencionar também que o fator idade, foi consistente no âmbito da 3ªfe., ou seja, falantes acima de 56 anos de idade. Nesse aspecto, os dois entrevistados chamam seus interlocutores conforme o grau de intimidade ou ambiente em que eles se encontram. Como foi revelado nas análises, os dois informantes da 3ªfe., provavelmente utilizaram mecanismos lexicais com pronomes ou não se referiram a vocativo algum (como no caso da informante que utilizou **Ø-vocativo**), fato que corrobora para o posicionamento de autores (no que diz respeito ao fator idade, como determinante nas escolhas tratamentais) como: Balsalobre (2015) e Kerbrat-Orecchioni (2006).

Por fim, indicamos uma possível ampliação das abordagens a diferentes grupos sociais. Devido a grande variedade e complexidade das formas de tratamento, em próximas pesquisas, poderia ser observado tais mecanismos interacionais em ambientes acadêmicos, jurídicos, religiosos, etc. no intuito de analisar suas FTNs específicas. Grupos sociais podem ser explorados também, há vários exemplos como: indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQI+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros e outros) ou até comunidades consideradas afastadas dos grandes centros urbanos.

6. Referências

ACEVEDO, A. L. ¿De *vos*, de *tú*, de *usted*? Las formas de tratamientos entre los jóvenes Guatemaltecos. In: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (org.). **As formas de tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 409-436.

BALSALOBRE, S. R. G. Relação língua e sociedade em foco: observando o vocativo “moço(a)” no português brasileiro, moçambicano e angolano. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 44 (1): p. 217-233, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/884>. Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. **Brasil, Moçambique e Angola: desvendando relações sociolinguísticas pelo prisma das formas de tratamento**. 2015. 345 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/127872>. Acesso em: 20 fev. 2019.

CALVET, L.J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAUSSE-CATHCART, M. Mi vida, mi amor, mi corazón...: Formas de tratamiento em el habla de la ciudad de Santiago de Cuba. In: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (org.). **As formas de tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 59-76.

GIAUFRET, A. De *Mário* a *Otário*. As formas de tratamento nominais: modelos de função alocutiva ou predicativa? Tradução: Janaína França; Márcia Atália Pietroluongo. In: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (org.). **As formas de tratamento em Português e em Espanhol:**

variação, mudança e funções conversacionais. Niterói: editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 45-58.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Docionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JORGENSEN, A. M. Formas de tratamento: los vocativos en el lenguaje juvenil de Madrid, Buenos Aires y Santiago de Chile. *In:* COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (org.). **As formas de tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais.** Niterói: editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 125-148.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Modelos de variações intraculturais e interculturais: as formas de tratamento nominais em Francês. Tradução: Fernando Afonso de Almeida; Leticia Rebollo Couto. *In:* COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (org.). **As formas de tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais.** Niterói: editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 19-44.

_____. **Análise da conversação: princípios e métodos.** Tradução: Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. B.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. *In:* COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (org.). **As formas de tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais.** Niterói: editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 315-348.

MORAES, J. A. de; SILVA, H. T. A entoação de vocativos e apostos no português do Brasil. *In:* COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (org.). **As formas de tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais.** Niterói: editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 103-124.